

Simplemente Cristão

N. T. WRIGHT

Simplemente Cristão

POR QUE O CRISTIANISMO FAZ SENTIDO

TRADUÇÃO

Jorge Camargo



Editora Ultimato
Viçosa, MG

SIMPLESMENTE CRISTÃO
Categoria: Vida Cristã / Apologética / Liderança

Copyright © Nicholas Thomas Wright, 2006
Publicado originalmente por Society for Promoting Christian Knowledge,
London, England.
Título original em inglês: *Simply Christian*

Primeira edição: Agosto de 2008
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Tradução: Jorge Camargo
Revisão: Heloisa Wey Neves Lima
Capa: Douglas Lucas

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

W953s Wright, N.T. 1948-
2008 Simplesmente cristão / N.T. Wright ; tradução Jorge Camargo.
— Viçosa, MG : Ultimato, 2008.
256p.; 23cm.
Título original: *Simply Christian*
ISBN 978-85-7779-010-4
1. Cristianismo – Aspectos sociais. 2. Cristianismo e cultura.
3. Relações humanas – Aspectos religiosos – Cristianismo. 4. Vida
espiritual – Cristianismo. I. Título.

CDD 22.ed. 261.8

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
EDITORA ULTIMATO LTDA.
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

Para Joseph e Ella-Ruth

Sumário

Introdução 9

Parte um
ECOS DE UMA VOZ

- 1. Endireitar o mundo 15
- 2. A fonte escondida 29
- 3. Feitos um para o outro 41
- 4. Pela beleza da terra 53

Parte dois
OLHANDO FIXAMENTE PARA O SOL

- 5. Deus 69
- 6. Israel 85
- 7. Jesus: a chegada do reino de Deus 103
- 8. Jesus: resgate e renovação 117
- 9. O fôlego de vida de Deus 133
- 10. Viver pelo Espírito 143

Parte três
REFLETINDO A IMAGEM

- 11. Adoração 155
- 12. Oração 171
- 13. O livro soprado por Deus 185
- 14. A história e a tarefa 197
- 15. Crer e pertencer 211
- 16. Nova criação, começando agora 229

Introdução

Há dois tipos de viajante. O primeiro parte em direção ao destino final e fica muito feliz por resolver as coisas no caminho, ler placas de sinalização, pedir informações e assim chegar ao local pretendido. O segundo tem necessidade de se informar antecipadamente sobre as condições da estrada, onde ela se transforma em rodovia de pista dupla, quanto tempo levará cada trajeto e assim por diante.

Quem costuma assistir a concertos também é assim. Alguns preferem deixar que a própria música os leve de um movimento a outro sem saber como será o movimento seguinte. Outros têm maior prazer em ler o programa antes para saber como será o concerto e assim poderem fazer em quadro mental do todo enquanto ouvem cada parte à medida que vão sendo executadas.

As pessoas que gostam de ler também se dividem mais ou menos do mesmo modo. O primeiro grupo talvez prefira pular essa introdução e ir direto ao primeiro capítulo. O segundo gosta de saber de antemão aonde queremos chegar, ou qual a composição da música. Esta introdução é escrita para este tipo de leitor.

Meu objetivo é descrever a essência do cristianismo, tanto para recomendá-lo aos de fora como para explicá-lo aos de dentro. Esta é uma imensa tarefa. Eu não tive a pretensão de cobrir tudo, nem de abordar todas as questões que algumas pessoas gostariam de encontrar num livro como este. O que procurei fazer foi dar ao assunto

uma determinada forma, que resultou em um livro estruturado em três seções.

Primeiro, explorei quatro áreas de interesse no mundo contemporâneo: o anseio por justiça, a busca pela espiritualidade, a fome por relacionamentos e o prazer na beleza. Cada uma dessas áreas aponta para além de si mesma sem, contudo, nos permitir deduzir muito sobre o mundo, a não ser que se trata de um lugar esquisito e fascinante. Sugiro que você leia cada um dos temas de modo a poder captar o eco de uma voz, aquele som distante, porém insistente, de alguém falando na esquina, fora do alcance da visão. Daí o título da parte 1 (“Ecos de uma voz”). Esta parte, composta de quatro capítulos, é mais ou menos como o prelúdio de uma sinfonia: uma vez ouvidos esses temas, procure mantê-los em mente enquanto ouve o segundo e o terceiro movimento, cujas tonalidades, embora tão diferentes, vão gradualmente se harmonizando com a tonalidade do primeiro movimento, produzindo “ecos” diferentes. Em outras palavras, a parte 1 levanta questões que serão, aos poucos, embora nem sempre diretamente, abordadas e ao menos parcialmente respondidas nas partes seguintes. Apenas peço ao leitor que seja paciente à medida que lê as partes 2 e 3, e aguarde para ver como o livro finalmente concluirá os temas.

A parte 2 apresenta a crença cristã central sobre Deus. Os cristãos crêem que Deus, revelado em Jesus, chamou os judeus para serem seus precursores no plano de resgatar e restaurar a criação. Dedico um capítulo inteiro (o capítulo 6) à história e às esperanças do antigo Israel, dois capítulos sobre Jesus e outros dois sobre o Espírito Santo. No desenrolar dessa parte, reconheceremos a voz cujos ecos começamos a ouvir na parte 1, à medida que refletirmos sobre o Deus criador, que anseia restaurar o mundo; sobre Jesus, que anunciou o reino de Deus, morreu numa cruz e ressuscitou; e sobre o Espírito Santo, que sopra como um vento forte através do mundo e das vidas humanas.

Assim chegaremos à parte 3, em que descrevo o que significa, na prática, seguir a Jesus, receber o poder do Espírito Santo e, acima de

tudo, como participar do plano do Deus criador. A adoração, a oração e as Escrituras nos levam a pensar sobre a igreja, considerada não como um edifício, tampouco como uma instituição, mas como a união de todos os que crêem no Deus revelado em Cristo e que buscam segui-lo.

Dou atenção especial à questão da razão de ser da igreja. A motivação para seguir a Jesus não é simplesmente para que possamos ter certeza de um lugar melhor depois que morreremos. Nosso futuro além da morte é extremamente importante, mas a natureza da esperança cristã é tal que afeta já a vida presente. Isto nos permite uma nova abordagem de vários outros tópicos, especialmente a oração e o comportamento cristão. Por sua vez, à medida que o livro caminha para a conclusão, nós encontraremos os “ecos” da parte 1, agora não mais como vestígios de um Deus que poderíamos conhecer para nós mesmos, mas como elementos fundamentais do nosso chamado para trabalhar pelo reino de Deus neste mundo.

Este foi um livro empolgante de escrever, especialmente porque é muito pessoal; mas, por causa disto, ele foi escrito de trás pra frente. Em toda a minha vida, tenho sido um cristão que adora, ora e lê a Bíblia (que muitas vezes confunde e entende errado, mas que persiste), de modo que, em certo sentido, comecei na parte 3. Passei boa parte de minha carreira profissional estudando o Jesus histórico e teológico, bem como tentando segui-lo pessoalmente, e a parte 2 aborda essa busca progressiva. Mas, à medida que prossigo, tenho descoberto que as questões da parte 1 se tornam cada vez mais insistentes e importantes; para tomar o primeiro e mais óbvio exemplo, quanto mais eu conheço a Jesus, mais descubro sobre o desejo intenso de Deus de restaurar o mundo. E, neste ponto, tenho descoberto que as coisas que meus estudos me mostram sobre Jesus – os ‘ecos de uma voz’ na parte 1 – são também as questões que o mundo pós-moderno, pós-cristão e, agora cada vez mais, pós-secular não consegue evitar, as estranhas placas de sinalização que apontam para além da paisagem de nossa cultura contemporânea e na direção do desconhecido.

Eu não tomei o cuidado de distinguir entre as diversas vertentes do cristianismo, mas tentei, tanto quanto possível, falar do que é comum a todas elas. Assim, o livro não é “anglicano”, “católico”, “protestante” ou “ortodoxo”, mas, creio, simplesmente cristão. Também procurei afirmar aquilo que deve ser dito o mais direta e claramente possível, de modo que os que lerem o assunto pela primeira vez não fiquem presos em um emaranhado de termos técnicos. É claro que ser cristão no mundo de hoje é qualquer coisa, menos simples. Mas se há um tempo em que é necessário dizer, do modo mais simples possível, o que cada coisa significa, parece-me que é agora.

Entre escrever o primeiro rascunho deste livro e prepará-lo para publicação, tive a alegria de dar boas-vindas a meus primeiros dois netos. Dedico este livro a Joseph e a Ella-Ruth, com a esperança e a oração de que eles e a sua geração possam vir a ouvir a voz cujos ecos nós esboçamos na parte 1, conhecer o Jesus que encontramos na parte 2 e viver em e para a nova criação que abordamos na parte 3.

Parte um

ECOS DE UMA VOZ

1.

Endireitar o mundo

Certa ocasião, tive um sonho muito interessante, que me causou forte impressão. Mas o que me deixou realmente frustrado foi não ter conseguido me lembrar de nada que havia sonhado. Tive apenas um vislumbre ao acordar, suficiente para me fazer perceber o quanto esse sonho havia sido extraordinário e significativo; mas logo se acabou. Assim, parafraseando T. S. Eliot, guardei o significado, mas perdi a experiência.

Nosso anseio por justiça, na maioria das vezes, é semelhante a isso. Sonhamos com um mundo onde haja justiça. Vislumbramos por um momento um mundo unido, endireitado, um mundo onde as coisas funcionam, onde as sociedades convivem de forma saudável, onde as pessoas não apenas sabem o que devem fazer, como também o fazem. Então acordamos e voltamos à realidade. Mas, o que este sonho está nos dizendo?

É como se estivéssemos ouvindo não propriamente uma voz, mas um eco, falando num tom calmo e com autoridade, sobre justiça,

sobre pôr as coisas no lugar, sobre paz, esperança e prosperidade para todos. A voz continua a ecoar em nossa imaginação, através do nosso subconsciente. Desejamos voltar a dormir para escutá-la novamente, mas, tendo acordado, não conseguimos retomar o sonho. Alguns podem achar que foi apenas uma ilusão, e somos inclinados a concordar, embora isso nos condene ao cinismo.

Porém, a voz continua nos chamando, tentando nos convencer de que pode existir algo como a justiça, algo capaz de endireitar o mundo, apesar de considerarmos tudo isso uma tremenda ilusão. Somos como mariposas tentando voar até a lua. Sabemos que a justiça existe, mas não podemos alcançá-la completamente.

Você pode testar isso com muita facilidade. Vá a qualquer escola e observe as crianças conversarem. Em pouco tempo uma delas dirá à outra, ou talvez à professora: “Isso não é justo!”

Você não precisa ensinar às crianças o que é justo ou injusto. Todo ser humano possui um senso próprio de justiça. Todos nós sabemos disso, é algo que já nasce com a gente, como costumamos dizer.

Imagine a seguinte situação. Você está andando de bicicleta, leva um tombo e quebra a perna. Você é levado para um hospital e lá eles tratam da sua perna, mas você é obrigado a andar com auxílio de muletas por um tempo. Até que, com bastante cautela, você começa a andar normalmente, e em pouco tempo já terá esquecido o episódio. Você voltou ao normal. É possível endireitar algo, consertar e colocar de volta no lugar. Você pode restaurar uma perna fraturada, consertar um brinquedo quebrado ou um aparelho de televisão que parou de funcionar.

Por que então não conseguimos acabar com a injustiça?

Não se trata de querer nem de tentar. Temos tribunais, magistrados, juízes e advogados em abundância. Eu morei em uma região de Londres onde havia um número excessivo de pessoas e de instituições para exercer a justiça — legisladores, juízes, Corte Suprema, delegacia de polícia e, a apenas alguns quilômetros dali, um número suficiente de advogados para formar a tripulação de um navio (que provavelmente ficaria navegando em círculo, uma vez que eles nunca

chegariam a um acordo). Outros países também dispõem de sistemas para elaborar leis e colocá-las em prática.

No entanto, temos a sensação de que a justiça escapa das nossas mãos. Às vezes ela funciona; outras, não. Pessoas inocentes são condenadas e culpados são postos em liberdade. Os tiranos e os que dispõem de recursos praticam o suborno para se livrar dos problemas e escapar da justiça — nem sempre é assim, mas isso acontece de modo a ser notado e questionado. Pessoas machucam as outras gravemente e se afastam rindo. As vítimas nem sempre são ressarcidas. Às vezes passam o resto de suas vidas lidando com a dor, a mágoa e a amargura.

Isso acontece no mundo inteiro. Países invadem outros países e ficam impunes. O rico abusa do poder do dinheiro para ficar ainda mais rico, e o pobre, que nada pode fazer diante disso, fica ainda mais pobre. Nós balançamos a cabeça em sinal de reprovação, mas em seguida saímos para comprar alguma mercadoria e deixar alguma empresa ainda mais rica.

Não quero ser pessimista. A justiça existe e muitas vezes se coloca acima de tudo. Tiranias brutais têm sido derrubadas. O *apartheid* foi desmantelado. Às vezes vemos surgir líderes sábios e criativos, e as pessoas procuram imitar suas ações boas e justas. Criminosos de alta periculosidade às vezes são apanhados, levados a julgamento, condenados e punidos. Coisas que estão muito erradas na sociedade são às vezes esplendidamente endireitadas. Novos projetos dão esperança aos pobres. Diplomatas conseguem negociar um acordo de paz firme e duradouro. Mas quando você acha que as coisas estão tranqüilas e pode relaxar... Tudo começa a dar errado de novo.

Embora seja possível resolver alguns problemas do mundo por certo tempo, sabemos perfeitamente que não há como resolver muitos outros problemas.

Logo depois do Natal de 2004 um terremoto seguido de uma onda gigantesca matou em um só dia mais que o dobro de pessoas do que o número de soldados norte-americanos mortos na guerra do Vietnã. Há algumas coisas em nosso mundo, em nosso *planeta*, que nos fazem

pensar: “Isso não está certo!”, mesmo quando não há nenhum responsável. A placa tectônica simplesmente sofreu um deslocamento, o que é comum em placas tectônicas. O terremoto não foi provocado por algum capitalista global perverso, por um marxista de plantão, ou por um fundamentalista armado com uma bomba. Simplesmente aconteceu. Em acontecimentos como esse, vemos o mundo todo sofrer, se desestruturar, e diante de tais situações nos sentimos impotentes para fazer qualquer coisa.

Os exemplos mais reveladores são os que estão mais próximos de nós. Tenho padrões morais elevados. Tenho refletido sobre isso, pregado sobre isso, e mais ainda, escrito *livros* sobre isso. E ainda assim eu os transgrido. A linha de separação entre o que é justo ou injusto, certo ou errado, não pode ser traçada entre “nós” e “eles”. Ela passa bem no meio de cada um de nós. Os filósofos da antigüidade, como Aristóteles, viam isso como uma ruga no sistema, um complicado enigma. Todos nós sabemos (com mais ou menos detalhes) o que devemos fazer; mas todos nós escolhemos, ao menos por algum tempo, não fazer.

Isso não é estranho?

Por um lado, compartilhamos de um mesmo desejo por justiça, de um profundo anseio de que as coisas sejam endireitadas. Temos dentro de nós um sentimento de desintegração, que constantemente nos atormenta e às vezes grita conosco. Mas por outro lado, após milênios de luta, busca, amor, anseio, ódio e esperança, preocupações e filosofias, ainda não conseguimos chegar mais perto da justiça do que chegaram as sociedades mais antigas.

* * *

Temos testemunhado nos últimos anos vários exemplos extravagantes de ações humanas que se apresentam como um insulto ao nosso senso de justiça. As pessoas às vezes comentam que nesses últimos quarenta anos assistimos a um declínio da moralidade. Mas, na verdade, este tem sido um tempo bastante sensível à moralidade, de

fato, uma das épocas mais moralistas registradas na história. As pessoas se importam, e muito, com tudo que precisa ser endireitado no mundo.

Durante a Primeira Guerra Mundial, generais poderosos enviaram milhões de soldados para morrer nas trincheiras, enquanto eles mesmos permaneciam atrás da linha de combate ou no conforto de suas casas. Quando lemos os escritos dos poetas que viveram essa situação, percebemos por trás do sentimento de perplexidade uma ira prestes a explodir diante da insensatez e, certamente, da injustiça de tudo isso. Por que isto teria acontecido? O que podemos fazer para mudar isso?

Um coquetel explosivo de ideologias condenou milhões de pessoas à morte nas câmaras de gás. Um brilhante demagogo misturou preconceito religioso, filosofias deturpadas, temor de pessoas “diferentes”, crise econômica e necessidade de bodes expiatórios, dizendo às pessoas aquilo que muitas delas desejavam ouvir e exigindo sacrifícios humanos como preço do “progresso”. A simples menção de Hitler ou do Holocausto nos faz indagar: Como isso pôde acontecer? Onde está a justiça? Como podemos alcançá-la? E o mais importante: Como podemos impedir que isso aconteça novamente?

Não podemos impedir, ao menos é o que parece. Ninguém impediu os turcos de matar milhões de armênios entre 1915 e 1917 (na verdade, Hitler mencionou esse episódio para encorajar seus compatriotas a matar os judeus). Ninguém impediu o massacre ocorrido em Ruanda, em 1994, em que tutsis e hutus mataram uns aos outros. O mundo reagiu ao Holocausto nazista afirmando que nunca mais ocorreria algo assim, mas aconteceu de novo, e descobrimos horrorizados que não podemos fazer nada para impedir.

Tivemos também o *apartheid*, uma enorme injustiça cometida contra grande parte da população por um longo tempo. Outros países tiveram atitudes semelhantes, porém foram mais efetivos na repressão à oposição. Pense nas “reservas” para os “nativos”. Lembrome de como fiquei chocado ao assistir a um velho filme de “índios e caubóis” e perceber que quando era jovem, a exemplo da maioria de

meus contemporâneos, aceitava sem questionar a suposição de que os caubóis eram os mocinhos e os índios, os bandidos. O mundo está despertando para a realidade do preconceito racial, mas livrar-se dele é como colocar ar dentro de um balão. Você enche de um lado, e então percebe que o ar se deslocou para o outro lado. As pessoas fizeram um cerco em torno do *apartheid*, impedindo-o de continuar. Parte do nosso esforço na luta contra o *apartheid* decorre daquilo que os psicólogos chamam de “projeção”, ou seja, condenar alguém por um erro que nós também cometemos. É muito conveniente, além de proporcionar um alívio moral profundo, porém falso, repreender alguém do outro lado do mundo quando temos os mesmos problemas em casa.

Temos agora os novos males globais: de um lado, o capitalismo e seu materialismo feroz, irrestrito e irresponsável; de outro, o fundamentalismo raivoso e irracional. Ou, como diz um livro famoso, “Jihad versus McWorld”. (Talvez exista algo como um capitalismo sensível às necessidades ou um fundamentalismo solidário, mas não é essa nossa preocupação no momento.) Voltando ao assunto, ninguém precisa ser doutor em macroeconomia para saber que, se os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, alguma coisa está errada.

No entanto, todos desejam usufruir de uma vida feliz e segura. Doutor Johnson, um palestrante do século 18, certa vez destacou que o alvo e o objetivo de todo esforço humano é “desfrutar de uma vida familiar feliz”. No Ocidente, no entanto, e em muitas outras partes do mundo, temos assistido à desagregação das famílias. A doce arte da docilidade – de expressar bondade e perdão, sensibilidade e cuidado, generosidade e humildade – e do romantismo saiu de moda. Ironicamente, todos exigem seus “direitos”, em outras palavras, todos anseiam e esperam encontrar um lugar tranqüilo, estável e seguro onde possam viver, aprender e florescer.

Então as pessoas perguntam mais uma vez: Por que as coisas estão assim? Por que *têm* que ser assim? Não poderia ser diferente? O que podemos fazer para mudar as coisas? O mundo pode ser salvo? Nós podemos ser salvos?

Mais uma vez nos perguntamos: Não é estranho que tenha que ser assim? Não é estranho desejar que as coisas sejam endireitadas, mas não conseguir fazer isso? Não é ainda mais estranho que eu, mesmo sabendo o que devo fazer, na maior parte das vezes não o faço?

* * *

Há três maneiras básicas de explicar essa sensação de eco de uma voz, de um chamado à justiça, na esperança de endireitar o mundo (e todos nós que nele vivemos).

Podemos dizer que tudo isso é de fato apenas um sonho, uma projeção de fantasias infantis, e que temos de nos acostumar a viver no mundo do jeito que ele é. Aqueles que escolhem seguir por esse caminho andam na companhia de Maquiavel e Nietzsche; esse é o mundo do “cada um por si”, do “agarre tudo que puder”, o mundo onde o único pecado é ser apanhado.

Ou podemos dizer que sonhamos com um mundo totalmente diferente, um mundo do qual fazemos parte, onde todas as coisas podem ser de fato endireitadas, um mundo para onde podemos escapar no presente, em nossos sonhos, e para onde esperamos realmente escapar um dia. Mas esse mundo tem uma pequena participação no mundo presente, a não ser pelo fato de que as pessoas que vivem neste às vezes se pegam sonhando com esse outro. Isso faz com que tiranos inescrupulosos dominem este mundo, mas nos consola pensar que as coisas serão melhores em algum outro lugar, em outro tempo, mesmo que não possamos fazer muita coisa para que isso aconteça aqui e agora.

Ou podemos dizer que a razão pela qual temos esses sonhos, essa sensação de ouvir o eco de uma voz, é que, na verdade, há alguém falando conosco, sussurrando dentro de nós, alguém que se importa muito com este mundo e com as pessoas. Afinal, foi ele quem fez a nós e a este mundo com um propósito, e esse propósito inclui fazer justiça, endireitar as coisas, endireitar a nós mesmos, e por fim, resgatar o mundo.

Três das grandes religiões do mundo têm escolhido essa última alternativa, e não nos surpreende que estejam relacionadas, afinal elas são, como sempre foram, primas em segundo grau. O judaísmo fala de um Deus que fez o mundo e plantou nele um anseio por justiça, pois esse era também o seu anseio. O cristianismo fala desse mesmo Deus expressando a paixão (na verdade, “peças sobre paixão” em seus vários sentidos são características do cristianismo) através da vida e da obra de Jesus de Nazaré. O islamismo reúne algumas histórias das tradições judaicas e cristãs e algumas idéias novas para criar uma nova religião, na qual a obediência à vontade de Deus, revelada no Alcorão, endireitaria o mundo. Essas tradições religiosas têm muitas diferenças, mas as três concordam em um ponto, totalmente contrário às outras filosofias e religiões: a razão que nos faz pensar ter ouvido uma voz é porque realmente ouvimos. Não foi um sonho. Podemos retomar o contato e torná-la realidade. Na vida real. Em *nossa* vida real.

* * *

Este livro foi escrito para esclarecer e recomendar uma destas tradições religiosas: a cristã. O cristianismo diz respeito à vida real porque os cristãos crêem que a voz que sussurra em seus ouvidos é de Jesus de Nazaré, que se tornou humano, viveu e morreu como um de nós. O cristianismo fala de justiça porque os cristãos não somente partilham do mesmo anseio dos judeus por justiça, como o próprio Jesus incorporou essa paixão em tudo que fez e em tudo que aconteceu a ele, colocando em ação o plano do Criador de resgatar e endireitar o mundo. Isso também diz respeito a nós, porque estamos envolvidos nisso. Como vimos, o anseio por justiça ou no mínimo um sentimento de que as coisas deveriam ser colocadas em ordem faz parte do fato de sermos seres humanos e vivermos neste mundo.

Vejam as coisas da seguinte forma. Nos tempos antigos, os gregos contavam a história de dois filósofos. Um costumava sair à

porta de sua casa, todas as manhãs, e dar uma boa gargalhada. O mundo para ele era um lugar tão cômico que ele não conseguia conter o riso. O outro acordava todas as manhãs e se debulhava em lágrimas. O mundo era tão cheio de tristezas e tragédias que ele não conseguia conter sua dor. De certa forma, ambos estavam certos. Comédia e tragédia indicam que alguma coisa está fora de ordem; no primeiro caso, por ser inconveniente, portanto, engraçada; no segundo, por não ser como deveria ser, acarretando sofrimento às pessoas. O riso e as lágrimas são bons indicadores dos seres humanos. Os crocodilos parecem estar chorando, mas isso não significa que estejam tristes. Você pode programar o computador para dizer algo engraçado, mas ele nunca será capaz de entender a piada.

Quando os cristãos primitivos contavam a história de Jesus — o que fizeram várias vezes a fim de estabelecer várias conclusões —, eles não mencionaram nenhuma vez que ele sorriu e somente uma vez que chorou. Entretanto, as histórias que eles contavam envolviam situações que sugerem risos e lágrimas constantes.

Jesus costumava ir a festas e celebrações onde havia muita comida e bebida. Ele carregava nas expressões para comunicar sua mensagem. “Vejam só”, ele dizia, “vocês tentam tirar um cisco do olho do seu amigo, e não reparam que no de vocês há uma enorme viga!” Ele colocava apelidos engraçados em seus discípulos, especialmente nos líderes (a Simão ele chamou de Pedro, que significa “rocha”; e a Tiago e João de “filhos do trovão”). Por todos os lugares onde ele passava, as pessoas ficavam entusiasmadas ao ver que Deus estava agindo, que uma nova operação de resgate estava a caminho, que as coisas seriam endireitadas. Pessoas com tal disposição de ânimo são como velhos amigos que se encontram para um fim de semana. Certamente darão boas risadas juntos... É isso que vai acontecer. Os bons tempos estão chegando. A celebração está começando.

Do mesmo modo, por todo lugar que passava, Jesus encontrava uma quantidade enorme de pessoas cujas vidas estavam destruídas. Pessoas doentes, tristes, temerosas, desesperadas, que disfarçavam suas inseguranças com uma fúria arrogante, usando a religião como um

disfarce contra a dura realidade. Apesar de ter curado muitas delas, Jesus não era simplesmente alguém empunhando uma varinha mágica. Ele partilhava da dor daqueles que estavam sofrendo. Ele ficou profundamente triste diante de um leproso ao pensar no que ele havia passado. Ele chorou diante do túmulo de um amigo chegado. Já no fim da sua vida, ele enfrentou momentos de grande agonia, e sua alma angustiou-se por ter de enfrentar a mesma agonia em seu corpo.

A questão não é tanto se Jesus riu ou chorou enquanto esteve no mundo, mas o fato de ter *celebrado* o novo mundo que estava começando a nascer, no qual o bem triunfaria sobre o mal e a miséria. Ele se entristeceu com a situação em que o mundo se encontrava, com a violência, com a injustiça e com a desgraça que ele e as pessoas com quem se deparava conheciam tão bem.

Desde o início, dois mil anos atrás, os seguidores de Jesus afirmaram que ele tomou sobre si as dores do mundo, carregando-as até a morte, uma morte injusta, a fim de realizar a operação de resgate divina. Mas ele tomou também a alegria do mundo e a fez renascer, ao ressurgir dentre os mortos, dando assim início à nova criação de Deus. Trata-se de duas afirmações contundentes, que tentarei explicar melhor na parte 2 deste livro. Ambas comunicam que a fé cristã reforça o anseio por justiça de todo ser humano, o desejo de endireitar as coisas, e afirmam que em Jesus o próprio Deus compartilhou desse anseio e colocou-o em vigor, de modo que, no fim, todas as lágrimas serão enxugadas e o mundo se encherá de justiça e de alegria.

* * *

Bem, alguém pode achar que os seguidores de Jesus não fizeram muito progresso desde então... Como explicar as Cruzadas? E a Inquisição espanhola? A igreja certamente pode ser responsabilizada por uma enorme sucessão de injustiças. E quanto às pessoas que jogam bombas em clínicas de aborto? E os fundamentalistas, que, por

pensarem que o Armagedon ocorrerá em breve, pouco se importam se o planeta for destruído nesse ínterim? Os cristãos não estariam contribuindo para o problema em vez de colaborar para a sua solução?

Sim e não. No caso afirmativo, desde os primórdios do cristianismo encontramos pessoas fazendo coisas terríveis em nome de Jesus. Há também alguns cristãos que sabem que estão fazendo coisas terríveis, embora não afirmem que estão agindo em nome de Jesus. Não há razão para ocultar essa verdade, por mais desconfortável que ela possa ser.

No caso negativo porque, de novo, quando olhamos para algumas maldades que os cristãos praticaram, em nome de Deus ou não, podemos observar que eles tinham uma visão confusa e errada do significado real do cristianismo. Não seria justo afirmar que os seguidores de Jesus sempre fizeram tudo certo. O próprio Jesus ensinou aos seus discípulos uma oração que inclui um pedido de perdão a Deus. Ele sabia que nós precisaríamos dela.

No entanto, um dos maiores problemas em relação à credibilidade da fé cristã no mundo atual está na identificação que muitas pessoas ainda fazem entre cristianismo e “Ocidente” (um pensamento estranho, uma vez que normalmente incluem a Austrália e a Nova Zelândia, situadas no extremo leste do mundo). Na verdade, essa expressão se refere à Europa Ocidental e América do Norte, em particular às culturas que se desenvolveram a partir das primeiras colônias. Desta forma, quando o “Ocidente” se envolve em alguma guerra em outra parte do mundo (como aconteceu recentemente), principalmente quando essa parte é em sua maioria de religião muçulmana, as pessoas costumam dizer que os cristãos estão fazendo guerra contra os muçulmanos. Na verdade, a maior parte das pessoas do mundo ocidental não é cristã. A maioria dos cristãos no mundo atual não vive no Ocidente. Grande parte vive na África e no sudeste da Ásia. A maioria dos governantes dos países ocidentais não pretende colocar em prática os ensinamentos de Jesus, e muitos deles se orgulham disso. No entanto, isso não impede que as pessoas concluam que os cristãos são responsáveis pelas atitudes que o “Ocidente” escolhe

fazer. Assim, o chamado mundo “cristão” continua a ter uma imagem ruim, em grande parte merecida.

Essa, na verdade, é uma das razões que me levaram a começar a escrever este livro falando sobre justiça. É importante destacar que aqueles que seguem a Jesus devem assumir o compromisso de fazer com que a vontade de Deus seja feita “assim na terra como no céu”, tal como ele ensinou a orar. Isso significa que a paixão de Deus por justiça deve ser a nossa também. Quando os cristãos usam sua fé em Jesus como uma maneira de escapar dessa exigência e desse desafio, estão abandonando um elemento central de sua própria crença. É aí que está o perigo.

Do mesmo modo, não podemos deixar de relatar, por timidez, as histórias que muitos cétricos no mundo ocidental têm procurado ignorar. Quando o tráfico de escravos estava no auge, muitas pessoas usavam a Bíblia para justificá-lo, baseadas no fato de que as Escrituras mencionam escravos. Porém, um grupo de cristãos dedicados, liderado por William Wilberforce, na Inglaterra, e John Wollman, na América, se reuniu para lutar contra esse terrível comércio de seres humanos. Muito tempo depois do fim da escravidão, a discriminação racial ainda atormentava os Estados Unidos, mas a visão cristã de Martin Luther King conduziu a um protesto pacífico e altamente eficaz. Wilberforce foi tomado por uma paixão pela justiça de Deus em favor dos escravos, uma paixão que lhe custou aquela que de outro modo teria sido uma carreira política brilhante. A paixão de Martin Luther King por justiça em prol dos afro-americanos custou-lhe a própria vida. Sua campanha incansável foi resultado direto e explícito de sua lealdade a Jesus.

Do mesmo modo, quando o regime do *apartheid* na África do Sul estava no auge (com muitas pessoas justificando-o com base no fato de que a Bíblia fala de raças diferentes vivendo de modo diferente), a longa campanha conduzida por líderes cristãos como Desmond Tutu promoveu mudanças com pouco derramamento de sangue (na década de 1970, os políticos e os observadores afirmavam que só a violência poderia promover mudanças). Tutu e muitos outros

cristãos oraram e leram a Bíblia junto com os líderes e membros do governo, alertando contra os males da política do *apartheid* e ao mesmo tempo confrontando líderes negros e grupos que acreditavam que somente a violência resolveria o problema.

Houve ocasiões em que Tutu se viu no meio do conflito, desmoralizado e odiado por ambos os lados. Sob o novo governo do *apartheid*, no entanto, ele ocupou a presidência da mais extraordinária comissão a ocupar o cenário político da época: a Comissão em Prol da Verdade e da Reconciliação, que iniciou um longo e doloroso processo de cura das memórias e da consciência de todo um país, a fim de não permitir que a dor e a ira fossem reprimidas, mas tratadas do modo adequado. Quem na década de 1960 ou mesmo na de 1980 poderia imaginar que algo assim seria possível? No entanto, foi isso que aconteceu, e tudo porque pessoas leais a Jesus e que ansiavam por justiça se uniram para torná-la realidade.

Estas e muitas outras histórias precisam ser contadas e recontadas. São coisas assim que muitas vezes acontecem quando as pessoas levam a mensagem cristã a sério. Às vezes, porém, isso pode causar dificuldades às pessoas, e até mesmo levá-las à morte violenta: muitos cristãos foram martirizados no século 20 porque sua fé levou-os a lutar pela causa da justiça. Pense em Dietrich Bonhoeffer, morto pelos nazistas no fim da Segunda Guerra Mundial. Pense em Oscar Romero, morto a tiros por um assassino porque estava lutando em favor dos pobres em El Salvador. Pense, novamente, em Martin Luther King.

Todos eles, junto com outras nove pessoas, são homenageados com estátuas na entrada oeste da Abadia de Westminster, lembrando-nos que a fé cristã ainda produz impacto no mundo atual e que as pessoas estão preparadas para arriscar suas vidas por causa de seu profundo anseio por justiça.

Procurei demonstrar até aqui que esse anseio por justiça é uma característica central de todo ser humano e se expressa de diferentes maneiras, podendo às vezes ser distorcido e perder o rumo. Alguns grupos ou mesmo indivíduos acreditam que, se determinada pessoa

for morta, a justiça será feita. Mas em tempos mais tranquilos, todas as pessoas sabem que aquilo que chamamos de justiça, esse anseio por endireitar as coisas, certamente continua sendo um dos grandes objetivos das pessoas. Os cristãos crêem que isso acontece porque todos os seres humanos ouvem interiormente o eco de uma voz chamando-os para viver assim. Crêem também que essa voz foi corporificada em Jesus, que ao tomar a forma humana fez o que devia ser feito para torná-la realidade.

Antes de prosseguirmos, precisamos ouvir outros ecos dessa mesma voz. O primeiro deles é um eco que cada vez mais pessoas têm ouvido atualmente.